

A FOCINHEIRA DO COVID: CONSTRUÇÃO DO DISCURSO ANTI-MÁSCARA NO YOUTUBE

COVID'S MUZZLE: CONSTRUCTION OF THE ANTI-MASK SPEECH ON YOUTUBE
EL BOZAL DEL COVID: CONSTRUCCIÓN DEL DISCURSO ANTI-MÁSCARA EN YOUTUBE

THAIANE DE OLIVEIRA¹

RODRIGO QUINAN²

Submissão: 31/07/2022

Aprovação: 02/08/2022

Publicação 30/06/2023

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense e professora permanente do programa de Pós-graduação em Comunicação pela mesma instituição. Coordenadora do Laboratório de Investigação em Ciência, Inovação, Tecnologia e Educação (Cite-Lab). Membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências. Pesquisadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC) e pesquisadora da Cátedra Unesco de Políticas para o Multilinguismo da Unesco.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8588-3548> E-mail: thaianeoliveira@id.uff.br

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, onde concluiu seu mestrado em Comunicação e sua graduação em Estudos de Mídia.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5344-0574> E-mail: rodrigoquinan@id.uff.br

RESUMO

Este artigo busca analisar a retórica anti-máscara construída no canal de YouTube conspiracionista MetafisicaMente. Analisaremos especificamente o vídeo “SubliminarMente – Desmascarando a Focinheira do Sistema – COVID-19(84)”, postado em 31/05/2020. Nosso objetivo é entender como é construída a retórica anti-máscara, que se mostrou um empecilho e causou transtornos durante o combate à pandemia. Realizamos uma análise interpretativa do vídeo sob luz de uma literatura sobre teorias da conspiração. Nossos resultados apontam que o canal faz uma eclética negociação com diferentes epistemologias na construção do seu conspiracionismo.

Palavras-chave: Covid-19. Teorias da Conspiração. Máscaras

ABSTRACT

This article seeks to analyze the anti-mask rhetoric built on the conspiracy YouTube channel MetafisicaMente. We will specifically analyze the video “SubliminarMente – Unmasking the Muzzle of the System – COVID-19(84)”, posted on 05/31/2020. Our objective is to understand how the anti-mask rhetoric is constructed, which proved to be an obstacle and cause of disorders during the fight against the pandemic. We carried out an interpretative analysis of the video in the light of a literature on conspiracy theories. Our results indicate that the channel makes an eclectic negotiation with different epistemologies in the construction of its conspiracy.

Keywords: Covid-19. Conspiracy Theories. Masks.

RESUMEN

Este artículo busca analizar la retórica antimascarilla construida en el canal conspiranoico de YouTube MetafisicaMente. Específicamente, analizaremos el video “SubliminarMente – Desenmascarando el bozal del sistema – COVID-19(84)”, publicado el 31/05/2020, cuyo objetivo es entender cómo se construye la retórica antimáscara, que resultó ser obstáculo y causa de desórdenes durante la lucha contra la pandemia. Realizamos un análisis interpretativo del video a la luz de una literatura sobre teorías conspirativas. Nuestros resultados indican que el canal hace una negociación ecléctica con diferentes epistemologías en la construcción de su conspiración.

Palabras-clave: Covid-19. Teorias de conspiracion. Mascarillas.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros dias da pandemia do Covid-19, apesar do desconhecimento da origem do vírus e de possíveis curas para a doença, uma precaução imediata foi apresentada: o uso de máscaras. Ao lado do isolamento social e da higienização com o álcool gel, as máscaras foram logo apontadas como uma simples e importante proteção contra a exposição ao vírus. Até mesmo máscaras caseiras, feitas com panos simples, foram consideradas uma válida forma de proteção e imagens do mundo ocidental em pandemia logo emblematicamente mostravam grande parte da população mascarada.

No entanto, apesar da precaução não apresentar riscos à saúde, movimentos negacionistas logo surgiram contestando o uso de máscaras. Com argumentos de que elas seriam inefetivas, fariam mal à saúde e/ou serviriam como método de controle sobre uma população em pandemia (que para parte deles, não existia ou era exagerada), o movimento anti-máscara esteve presente tanto em páginas de mídias sociais quanto em repercussões no mundo real, por vezes desencadeando em situações violentas onde negacionistas buscavam entrar em estabelecimentos que a exigiam.

Tais atos se encaixam em um histórico de atos pseudocientíficos ocorridos nos últimos anos. Num período recente, é identificada uma crise epistemológica (BRUNO & ROQUE, 2019; OLIVEIRA, 2020), onde as instituições do saber enfrentam crise de credibilidade e pensamentos pseudocientíficos vão desde tratamentos perigosos, como vídeos que sugerem alvejante para tratar o autismo, até o retorno de ideologias como o terraplanismo. Tornou-se comum afirmar que o mundo não apenas passa por uma pandemia, mas também por uma infodemia (OPAS, 2020), onde desinformação sobre métodos de tratamento e precaução ao Covid-19 podem tornar-se tão perigosos quanto o próprio vírus.

Neste sentido, a pandemia não inaugura um novo período de crise de confiança em instituições científicas, mas acelera e traz para a superfície um quadro de problemas epistemológicos já identificados pela academia nos anos anteriores. O movimento anti-vacina, perigosamente crescente desde os anos 2000 ao contestar vacinas como a do sarampo, se consolidou como um perigo global ao, agora, rejeitar a vacinação do Covid-19. Os já mencionados tratamentos pseudocientíficos, em ascensão em espaço nas redes sociais, agora tornam-se medidas governamentais de lideranças políticas alinhadas

ao movimento de contestação sobre as instituições epistêmicas, a exemplo da grande propagação da cloroquina no Brasil.

O movimento anti-máscara é igualmente relevante ao não apenas representar uma resistência a métodos científicos, mas uma postura antissistema relevante no momento atual, onde estaríamos vivendo uma crise da verdade. Segundo Luis Signates (2012), ela se daria graças a um momento em que a ciência é apenas mais uma de muitas representações do real, seu distanciamento aos indivíduos acentuado pelas falhas de cumprir promessas da modernidade, como a justiça social.

Diferentemente do mundo da Gripe Espanhola, que há 100 anos também enfrentou movimentos anti-máscara (SCERRI, 2020), a epidemia do Covid-19 vem em um momento de forte legitimação do uso de máscaras por mídia, governos locais e ampla divulgação científica. Nenhuma medida pública que afirma seu valor para diminuir mortes em um momento de crise global parece suficiente para convencer seus devotos integrantes a ceder ao simples e relativamente barato hábito de usá-las. O que os motiva?

Como boa parte do negacionismo em relação a pandemia, o movimento anti-máscara não pode ser definido como uma simples monocultura de desdém às políticas sanitárias. Diferentes motivações unem grupos diversos em torno da recusa de usar a máscara. Eles podem vir de figuras que negam ou amenizam a existência da pandemia, ou de grupos que creem nela e acreditam que a máscara não é o suficiente. O negacionismo tem sido investigado como possivelmente relacionado fatores como idade, gênero, localidade e acesso à informação (BHASIN *et al.*, 2020; HAISCHER *et al.*, 2020), e a proliferação de teorias da conspiração não pode ser desprezada como potencial habilitadora, com narrativas conspiracionistas dominando argumentos contra as máscaras.

Este artigo busca investigar o fenômeno das teorias da conspiração em torno do uso de máscara durante a pandemia do Covid-19 através da análise do canal do YouTube MetafísicaMente, administrado pelo conspiracionista Samuel Benini desde 2019, contando com 78 mil seguidores no momento desta análise. O canal reúne crenças como literalismos bíblicos, profecias milenaristas, terraplanismo, denúncias de uma nova ordem mundial e anti-vacinação em uma mesma visão de mundo, montando negacionismo através de um complexo supermercado de crenças epistemologias alternativas (VAN ZONEN, 2012).

Entendemos que o canal é relevante pois, além de conter a significativa média de 78 mil visualizações por vídeo, representa um microcosmo do conspiracionismo no YouTube, com dezenas de outros espaços similares continuamente produzindo conteúdo relacionado às teorias da conspiração (ALBUQUERQUE & QUINAN, 2019). Com cada pequeno/médio canal fazendo sua própria negociação de quais elementos conspiracionistas apropriar, analisar o MetaFisicamente é uma oportunidade importante para se compreender como o conspiracionismo frequenta o tal supermercado de crenças.

Estruturamos o artigo em duas seções, a primeira analisando a relação da crise epistemológica com o negacionismo anti-máscara durante a pandemia, a segunda analisando a construção do conspiracionismo no canal MetaFisicamente.

CRISE EPISTEMOLÓGICA E NEGACIONISMO ANTI-MÁSCARA

Apesar dos grandes desafios da repentina propagação do Covid-19, o uso da máscara foi rapidamente identificado como uma das mais eficazes formas de combater o vírus (ZHAI, 2020; ZHOU, 2020), com tamanha importância evidenciada em projeções onde a mesma evitaria mortes em larga escala em grandes cidades como Nova Iorque e Washington (EIKENBERRY, 2020). O recurso foi previamente efetivo em pandemias como a do SARS-2003 no Taiwan (LAU *et al.*, 2004). Até mesmo máscaras de pano, feitas em casa, foram apontadas como recurso valioso (EIKENBERRY, 2020).

Ainda assim, movimentos anti-máscara surgiram pelo mundo em 2020, com motivações que têm sido estudadas pela forma como refletem ansiedades dos seus demográficos (LEE *et al.*, 2021). De inúmeros relatos de episódios violentos, onde indivíduos causaram distúrbios ao discordar da legislação de estabelecimentos que obrigavam o uso de máscaras, até aglomerações de movimentos deliberadamente organizados entorno do negacionismo, resistência a máscara foi frequente durante a pandemia, com a criação até mesmo de grupos organizados¹ especificamente em torno de antagonizá-la.

1 Movimento anti-máscara ganhou força, por exemplo, na França. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/08/07/de-onde-vem-o-movimento-anti-mascara-que-esta-ganhando-forca-na-franca.htm>>

A pandemia do Covid-19 demonstrou que mesmo com grande crise sanitária, parte da população se recusa a confiar nas instituições. Ao contrário do que previsões mais esperançosas apontavam, um surto virótico de consequências mortais e muitas perdas pessoais não freou a polarização política. Autoridades governamentais e científicas foram ignoradas e hostilizadas por parte da população, com peritos apontados como mal-intencionados ou incompetentes.

O período de crise epistemológica se acentuou mesmo antes da pandemia, sendo marcado por negacionismos como ao aquecimento global, um renascimento do movimento anti-vacina tão nocivo que causou ressurgências de doenças como o sarampo, popularização de perigosos tratamentos milagrosos (OLIVEIRA, TOTH & QUINAN, 2020) e ascensão de diversas teorias da conspiração (BARKUN, 2016). Vitórias eleitorais de políticos neoconservadores como Donald Trump foram pautadas em um diálogo com estes desenvolvimentos, com as redes sociais dando espaço antes não disponível para estes agentes.

Precedentes históricos existem: a Gripe Espanhola, de um século antes, já apresentava casos de resistência ao uso da máscara. A última grande pandemia anterior ao Covid-19 registrou pelo menos 50 milhões de mortes e causou uma grande recessão global. Nela, grupos como a Liga de São Francisco protestaram de forma organizada contra o uso de máscaras (SCERRI, 2020). Também foi analisado por historiadores que as áreas da Alemanha mais atingidas pelo vírus foram as que mais apoiaram a ascensão do nazismo, o que pode significar outro precedente com a rejeição da extrema-direita atual a precauções do Covid-19 (PETERSON & ACKERMAN, 2020).

A masculinidade também tem sido estudada como uma razão da resistência, com demográficos jovens e masculinos predominantemente recusando o uso, com mulheres e idosos sendo os maiores usuários (BHASIN et al., 2020). O uso de máscaras no ocidente é tradicionalmente associado a feminidade, relegado a figuras de posição social desprivilegiada como empregadas domésticas ou, no caso do rosto coberto, a mulheres islâmicas, vistas num olhar ocidentalizado como oprimidas. Com isso, a rejeição masculina à máscara pode vir de um lugar de transgressão de expectativas sistêmicas, com sujeitos se posicionando como superiores moralmente, além de evitarem a emasculação ao se apresentarem como “durões”, sem medo de encarar o vírus do Covid-19.

É o que mostram líderes masculinos como Donald Trump, que apareceu de máscara publicamente pela primeira vez 99 dias após a recomendação do CDC, em 11 de julho (BHASIN et al., 2020). Trump chegou a recomendar, em comícios pela sua reeleição, que apoiadores removessem suas máscaras. No Brasil, sempre seguindo o estadunidense, Jair Bolsonaro registrou inúmeras aparições públicas não apenas não usando a máscara, mas frequentemente desdenhando dela e de seus usuários. Estadistas negacionistas reproduzem a masculinidade que identifica como afeminado o uso da prevenção, dialogando com apoiadores que em grande parte correspondem a este exato demográfico, uma vez que uma das grandes tensões da nova extrema-direita é com a feminização da sociedade. O cenário também mostra a politização da ciência realizada por atores políticos na pandemia (PONTALTI MONARI & SACRAMENTO, 2021; RECUERO, SOARES & ZAGO, 2021; OLIVEIRA et al., 2021), onde usar a máscara seria agora também um ato político.

O debate sobre a diferença de culturas individualistas e coletivistas também tem pautado a efetividade do uso da máscara. Enquanto países ocidentais tem indivíduos com mais tendência a ignorar altruísmos e orientações de autoridades (SCERRI, 2020), também possivelmente aderindo ao *third person effect* ao despersonalizar narrativas e orientações alarmistas, lugares com tradições pensadas no coletivo como Taiwan, Japão, China e Coreia do Sul inicialmente registraram menos casos (HAISCHER et al., 2020). Nações do oriente já adotavam a cultura do uso de máscara anos antes da pandemia. A ascensão de tratamentos pseudocientíficos como a cloroquina, no ocidente, também evidencia uma cultura de soluções individuais, buscando passar por cima do procedimento coletivo de prevenção.

No caso das teorias da conspiração, inúmeras narrativas surgem para reinterpretar e fazer sentido dos traumáticos acontecimentos da pandemia. O conspiracionismo vai desde o completo negacionismo da existência da pandemia, até acusações de que o Covid-19 seria um plano chinês de dominação mundial (ZHANG, XU; 2020). Outros acusados incluíam o bilionário Bill Gates, as recém-instaladas redes de comunicação 5G (AHMED et al., 2020), e supostas elites globais secretas. A pandemia confirmou que o negacionismo científico havia mesmo ascendido em grande escala das margens para tornar-se mainstream, conquistando milhões de devotos. Analisamos a seguir o canal MetafisicaMente e seu complexo conspiracionismo.

METAFISICAMENTE: INDO AO SUPERMERCADO EPISTEMOLÓGICO

Não apenas grandes canais produzem conteúdo conspiracionista no Brasil. Centenas de canais de médio e pequeno porte estão no ar no YouTube, pouco moderados pela plataforma e vinculados a inúmeras variantes do neoconservadorismo, a exemplo de: fundamentalismo religioso, conspiracionismo, terraplanismo, libertarismo, pseudociência e esoterismo. As ideologias, embora discrepantes e potencialmente contraditórias, convivem em harmonia com cada espaço fazendo uma livre associação dos elementos convenientes.

O conspiracionismo remete a doutrinas da nova era (*new age*) que ascenderam em um momento neoliberal e foram definidas como “Supermercado de religiões”, onde seus “clientes” livremente associam crenças de distintas doutrinas (LYON, 2000), aptos a criar suas próprias espiritualidades e visões de mundo. A queda de confiança das instituições tradicionais, aliada às possibilidades de expressão individual levantadas pela ascensão da Internet, dá legitimidade e opções ecléticas para o indivíduo moderno criar sua própria versão da verdade. Esta vira uma questão de construção de identidade, onde uma verdade autêntica passa a ser mais importante do que uma verdade objetiva (VAN ZONEN, 2012).

Dessa forma, uma igualmente eclética “Cultura da Conspiração” é identificada em indivíduos que adotam teorias da conspiração e outros pensamentos antissistema como um estilo de vida (KNIGHT, 2001; BARKUN, 2016). Por exemplo, como em um pacote ideológico, um indivíduo inicialmente suspeito das versões oficiais do assassinato de JFK agora, por tabela, pode herdar crenças na ufologia e no esoterismo, conhecimentos inicialmente sem qualquer relação com o caso JFK. A forma como teorias da conspiração são articuladas contribui para isso: elas estão frequentemente interconectadas, em um mundo onde nada acontece por acaso, o que torna viável conectar epistemologias que inicialmente possam parecer pouco ou nada relacionadas.

O canal de Youtube analisado, **Samuel Benini – MetafisicaMente MM²**, é exemplo da livre associação que aponta o conspiracionismo torna-se mais que suspeitas específicas, mas uma forma de interpretar o mundo. O espaço, negacionista

2 Home page do canal. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6JMqyrIbjqeGE9IB-G34xwg>

da pandemia e que rapidamente adotou o discurso anti-máscara, mistura crenças no apocalipse que tipicamente seriam encontradas em seitas cristãs crentes no Juízo Final, com conspiracionismos sobre elites políticas secretas que não estariam fora de lugar em narrativas como Arquivo X, Código DaVinci e especialmente 1984. O romance de George Orwell, frequentemente citado pelo canal, conta a história de um mundo distópico onde a população é controlada por um governo autoritário que serve interesse de elites privilegiadas.

O canal não é de grande porte, mas é exemplo de um de tantos coadjuvantes essenciais em uma larga rede reacionária presente no Youtube. O número de 60 mil inscritos (todos números apontados aqui são contagens até data de escrita do artigo) não é desprezável, com um total de 5,4 milhões de visualizações e com números expressivos para seus vídeos mais visualizados: seus 4 vídeos mais populares passaram das 100 mil visualizações, com 706 mil, 368 mil, 161 mil e 130 mil. Todo o resto do canal gira em torno de 10 mil e 100 mil visualizações, indicando uma leal audiência de nicho. Os vídeos mais populares discorrem sobre uma mistura de interpretações esotéricas da bíblia, discorrendo sobre a origem do universo, guerras celestiais e numa dramática luta entre um bem cristão e um mal satanista. Um dos vídeos, intitulado “*No Rastro da Serpente: Maçonaria, Luciferanismo, Baphomet, Entrevistas de Ex-Maçons*” embarca em velhos conspiracionismos da maçonaria, acusando uma maliciosa elite secreta por trás de grandes acontecimentos. O sionismo também é antagonizado. O milenarismo é um tema central do canal, com o regresso de Jesus Cristo e o juízo final antecipando por vezes uma utopia, por vezes um período sombrio, aparecendo frequentemente, a exemplo da menção constante às figuras de Satanás, Baphomet e Lúcifer. O cristianismo do canal mais o aproxima de seitas apocalípticas do que do cristianismo tradicional. Em um dos vídeos ele afirma que Jesus nasceu em 11 de Setembro, criando tons proféticos aos atentados.

Metafisicamente foi lançado em 12 de abril de 2019, rapidamente conquistando sua audiência leal. A descrição do canal aponta para o forte teor cristão, com o versículo Mateus 11:15, “*Graças te dou, ó Pai, Senhor dos céus e da terra, pois escondeste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos*”. Samuel Benini, seu criador, é natural de São Carlos/SP e parece produzir todos os vídeos com baixo orçamento, fazendo colagens de vídeos, imagens e músicas de fundo com uma narração em um microfone de baixa definição. Benini se apresenta por nome e é narrador na maioria dos vídeos, com

o canal construído na sua personalidade a ponto de até um número musical cantado por Benini, numa interpretação *karaokê* da banda sueca de metal cristã Narnia, estar na sua lista de vídeos.

Mas há espaço, como de tradicional em tantos canais conspiracionistas do Youtube brasileiro, para conteúdo estrangeiro legendado em português. É o caso do documentário *Vaxxed – O Segredo por Trás da Picada*, um dos conteúdos antivacina de maior repercussão mundial, disponibilizado na íntegra no canal. O filme argumenta que a vacinação, especialmente do sarampo, é causadora do autismo, em mais uma evidência da associação do extremismo religioso com um conspiracionismo pseudocientífico. A falsa associação da vacinação com autismo vem de um artigo fraudulento publicado por Andre Wakefield para a revista *The Lancet*, em 1998. O estudo foi despublicado e Wakefield cassado, mas como outros conteúdos científicos contestados, é abraçado pelo universo conspiracionista como evidência do corrompimento da ciência tradicional. O vídeo entrou no ar em 11 de junho de 2020, contemporâneo ao debate de vacinação do Covid-19 que começou a surgir em meados daquele ano.

O vídeo que é objeto da nossa análise é “*SubliminarMente – Desmascarando a Focinheira do Sistema – COVID-19(84)*”³. O conteúdo exemplifica as nuances do movimento anti-máscara, com um negacionista mais uma vez associando livremente argumentos pseudocientíficos, religiosos e conspiracionistas no mesmo material. O vídeo, de cerca de 7 minutos, foi postado no dia 31 de Maio de 2020, quando as medidas preventivas em torno da pandemia eram parte frequente do debate popular, ainda nos primeiros meses do contágio. Em uma colagem de vídeos, imagens e depoimentos, sob fundo de música sinistra, Benini narra a demanda das autoridades pelo uso de máscaras como parte de uma conspiração maligna de uma elite que busca domínio total sobre a população.

Abrindo o vídeo com “às vezes, a verdade é mais estranha que a ficção”, Benini mais uma vez recorre a cultura pop ao chamar o vírus de “Covid-1984”. Ele segue para fazer comparações superficiais do uso de máscara, similares às ansiedades em torno de uma estética opressora debatidas na seção anterior: elas tapariam a boca, tornando o mundo um “lugar horrível [...] como um hospital”, remetendo “pânico e histeria”. Elas escondem

3 Vídeo “*SubliminarMente – Desmascarando a Focinheira do Sistema – COVID-19(84)*”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bdtorR16AVE>

o “rosto, traço mais marcante da personalidade, da personalidade, tornando a sociedade indistinta, sem vida e sem personalidade”, em mais um discurso conspiracionista que remete a teoria da conspiração do globalismo, que aponta um plano secreto marxista e/ou judaico para destruir e despersonalizar a cultura ocidental/cristã através de um fluxo constante de imigrações e o fim de governos locais (FAY, 2019). A passagem também reflete uma ansiedade totalitária com a imagem da máscara, remetendo a momentos da guerra fria onde o medo anti-esquerda apontava o comunismo como potencial causador de um mundo homogêneo, onde a individualidade seria apagada. A teoria da conspiração do marxismo cultural é uma modernização de velhos discursos que datam desde a Alemanha Nazista, em especial a teoria da conspiração judeu-bolchevique (LIEBEL, 2017).

Ele pejorativamente a compara a uma “mordaça”. Com imagem gráfica entrando no vídeo no momento, o canal compara a prevenção à Máscara de Flandres, utilizada no período de escravidão no Brasil para penalizar escravos, os restringindo de consumir alimentos. Embora comprovado cientificamente que a máscara não apresenta perigos⁴, o vídeo aponta para um perigoso “sufocamento” causado por elas, uma vez que é de interesse da “elite”.



Figura 1: Representação da Máscara de Flandres. Fonte: Print do canal MetaFisicamente.

4 É falso que as máscaras apresentem perigo. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/e-verdade-ou-fake-news/mascaras-sao-perigosas-por-deixarem-o-sangue-acido-e-fake/>

Entra assim o típico teor populista de teorias da conspiração que apontam que uma elite secreta e maligna propositalmente quer fazer mal e controlar uma inocente e vitimizada grande maioria da população formada por “pessoas de bem”. O discurso encaixa palavra por palavra nas definições introdutórias do populismo: as máscaras seriam uma censura que esta elite, definida como “totalitária”, quer impor ao “homem comum” – uma massa nobre. Por tapar a boca, elas seriam causadoras de “silêncio” e “proibição de opinião”, embora às máscaras de proibição ao Covid-19, na vida real, não atrapalhem de qualquer forma a comunicação. As máscaras seriam parte de um “voto de silêncio”, condição típica para ser aceito em “sociedades secretas”, remetendo a paranoias conspiracionistas em torno de uma “Nova Ordem Mundial”. O Covid-19 seria, então, um preparo para grande parte da população entrar nestes nefastos grupos não-especificados, cujas elites sinistras estariam no topo da hierarquia. Apesar de origens anti-semitas, anti-maçonaria e anti-marxistas da maioria das teorias da conspiração ilustradas aqui, nunca é especificado quem é a tal elite secreta por trás da obrigação do uso de máscara, com sugestões sempre vagas e evasivas. Apenas é sugerida a profecia onde em uma data não especificada o controle total elitista seria alcançado. O canal mostra a capa da revista britânica *The Economist* de 26 de março de 2020, mostrando a metáfora da coleira. A publicação não fala de teorias da conspiração, mas como veículo neoliberal, é suspeita em torno do aumento do poder do Estado durante e após a pandemia. A capa ou o conteúdo da edição não é contextualizado:



Figura 2: Capa do *The Economist* de Março de 2020. Fonte: economist.com

O vídeo então recorre a figuras referidas como “cientistas”. Ilustrando uma peculiaridade das teorias da conspiração, apesar de aderirem diversos movimentos anticientíficos, pseudocientíficos e de demonizar instituições científicas, uma forma conveniente de “ciência” segue autoridade incontestável, sem sequer entrar em contraste com o teor religioso do conspiracionismo. Quando supostos cientistas apontam na direção conveniente às teorias da conspiração, logo são acionados como importantes peritos. É o caso de Russel Blaylock, neurocirurgião e teórico da conspiração usado como referência bibliográfica no canal. O médico foi inicialmente notado ao produzir fraudulentos estudos apontando toxicidade em substâncias como aspartame e glutamato monossódico, denunciando o projeto de saúde pública de Barack Obama como um plano secreto de eutanásia. Na pandemia, apontou que o uso de máscaras não apenas é ineficaz, mas pode facilitar a transmissão do vírus e causar danos físicos ao usuário. Benini aciona um não-apresentado e não-identificado teorista da conspiração americano, o legendando. Ele lê um artigo (que desde então foi deletado e desmentido) de Blaylock, denunciando os “sérios riscos” do uso de máscara:



Figura 3: Conspiracionista lê artigo contestado. Fonte: Print do canal MetaFisicamente

O acionamento de agentes como Blaylock mostra que a desconfiança conspiracionista, afinal, não é com uma ideia mais generalizada de ciência, e sim com indivíduos específicos, legitimados epistemicamente, que a exercem. Os argumentos pseudocientíficos contra as máscaras parecem buscar uma emulação da linguagem

científica, e não uma invalidação dela, com longos textos que remetem artigos acadêmicos, manipulação de imagens e debates com argumentos que giram em torno de temas científicos como o funcionamento de um vírus ou o consumo de oxigênio pelo corpo.

Por fim, Benini ecoa discursos de líderes negacionistas, então no poder em grandes países, mesmo sem mencioná-los por nome. Iniciando o vídeo falando que o “Covid-1984” é uma grande “cortina de fumaça” a favor de planos de dominação mundial, ele entra em contradição ao propor pouco depois que o vírus é, na verdade, perigoso e as máscaras não eficazes para pará-lo, sugerindo a imunidade em grupo como principal alternativa. A estratégia da imunidade em grupo (ou “em rebanho”), apontada cientificamente como ineficaz e potencial causadora de mais mortes, foi defendida publicamente por figuras como Donald Trump, Boris Johnson e Jair Bolsonaro. Ele então reproduz o pensamento conservador anti-lockdown que clama prezar pela economia para defender o fim da quarentena, apontando que *“a elite não [quer deixar] o cidadão trabalhar”*, finalizando com: *“Elite mundial está apenas controlando a população psicologicamente, causando pânico e destruindo sua imunidade natural, dia a dia com imposição e controle”*.

O ecletismo epistêmico de MetaFisicamente trás importantes evidências sobre o sucesso do canal, que também podem ajudar a compreender a ascensão do conspiracionismo moderno. Em um mundo de crise de confiança nas instituições, sua construção tão variada lhe permite dialogar com diferentes audiências que carregam diferentes suspeitas institucionais, tornando o canal inclusivo a variados demográficos. Se o tom bíblico apocalíptico pode apelar mais para uma audiência religiosa, a pseudociência dialoga com indivíduos que ainda dão alguma credibilidade a, pelo menos, a emulação da ciência. A linguagem de ficção científica seduz por remeter a fascinações da cultura pop, enquanto ressonar o discurso de políticos antissistema reverbera preferências do mundo real.

Este tipo de pluralismo acrescenta plausibilidade às teorias da conspiração, com a crise epistemológica abrindo caminho para a validação de estratégias epistêmicas diversas, vinculadas à identidade de diferentes indivíduos (HARAMBAM & AUPERS, 2021). Repleto de momentos ambíguos, o canal ainda convida a audiência para tirar

suas próprias conclusões, não apenas respeitando mas incentivando a construção da identidade ao posicionar cada espectador na busca pela sua própria verdade. Para tudo isso ser alcançado, o modelo das teorias da conspiração é essencial: tudo está interligado o tempo todo e nada nunca é uma coincidência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do canal **Samuel Benini – MetafisicaMente MM**, buscamos analisar a construção do discurso negacionista em torno do uso da máscara na pandemia do Covid-19. Mais do que atos irracionais, as teorias da conspiração em relação a métodos de prevenção ao vírus são dotadas de um complexo discurso que bebe de diferentes fontes e movimentos. No canal analisado, uma mistura de ecos de líderes negacionistas atuais, do velho populismo de teorias da conspiração como o globalismo, milenarismos e pseudociência são sintetizados em harmonia. Dessa forma, a cultura da conspiração mostra que cada construção do tipo tem suas próprias peculiaridades, seu próprio caminho para a sua versão da verdade, montado com as peças adquiridas no “supermercado das crenças”. Identificamos no canal MetaFisicamente um microcosmo para a situação como um todo, representando uma legião de canais médios de Youtube que existem pelo Brasil e pelo mundo, consideravelmente populares em seus nichos, e potencialmente tão impactantes no discurso popular quanto conspiracionistas mais famosos. Incentivamos a continuidade de pesquisas em torno de desvendar a construção de teorias da conspiração, essas sendo uma peça-chave para a compreensão da crise epistemológica.

REFERÊNCIAS

AHMED, Wasim et al. COVID-19 and the 5G Conspiracy Theory: Social Network Analysis of Twitter Data. **Journal of Medical Internet Research**. Vol. 22. Iss.5. p.1. 2020

ALBUQUERQUE, Afonso; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “Professor Terra Plana” . **Revista Mídia e Cotidiano**. v. 13 n. 3. 2019.

ACKERMAN, Gary; PETERSON, Hayley. Terrorism and Covid-19. **Perspectives on Terrorism**, Vol 14, No 3. 2020

BHASIN, Tavishi et al. Does Karen wear a mask? The gendering of Covid-19 masking rhetoric. **Emerald Insight**. Vol 1, No 1. 2020.

BARKUN, Michael. **Conspiracy Theories as Stigmatized Knowledge**, Diogenes, 2016

BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. “A ponta de um iceberg de desconfiança”. in: **Pós-Verdade e fake news: Reflexões sobre a guerra de narrativas**. Cobogó. 2019.

EIKENBERRY, Steffen et al. To mask or not to mask: Modeling the potential for face mask use by the general public to curtail the COVID-19 Pandemic. **Infectious Disease Modeling**. V.5 293-308. 2020.

HAISCHER, et al. Who is Wearing a Mask? Gender, age and location-related differences between the Covid-19 pandemic. **Plos One** 14 (10). 2020.

HARAMBAM, Jaron; AUPERS, Stef. From the unbelievable to the undeniable: Epistemological pluralism, or how conspiracy theorists legitimate their extraordinary truth claims. **European Journal of Cultural Studies**. Vol. 24(4) 990-1008. 2020.

LAU, Joseph et al. SARS transmission, risk factors, and prevention in Hong Kong. **Emerging Infectious Diseases**, 10(4), 587e592. 2004.

LEUNG, Nancy; et al. Respiratory virus shedding in exhaled breath and efficacy of face masks. **Nature Medicine**. <https://doi.org/10.1038/s41591-020-0843-2>. 2020.

LEE, Crystal et al. Viral Visualizations: How Coronavirus Skeptics Use Orthodox Data Practices to Promote Unorthodox Science Online. In **Proceedings of the 2021 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems** (CHI '21). Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, Article 607, 1–18. 2021.

LIEBEL, Vinicius. Uma fachada pelas costas: paranoia e teoria da Conspiração entre conservadores no refluxo das Greves de 1917 na Alemanha. **Revista Brasileira de História**. 37 (76). 2017.

LYON, David. **Religion in Postmodern Times**. Oxford: Policy P. 2000.

KNIGHT, Peter. **Conspiracy Culture: From Kennedy to the X-Files**. London and New York: Routledge. 2001.

NORTH, Anna. “The ‘women’s work’ of the pandemic”, *Vox*, 30 April, available at: <https://www.vox.com/2020/4/30/21238454/coronavirus-face-mask-cooking-women-covid-pandemic> (accessed 2 July 2020). 2020.

OLIVEIRA, Thaianie; TOTH, Janderson; QUINAN, Rodrigo. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de fake sciences ligadas à saúde no Facebook. *Reciis*. v 14 n.1. 2020. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i1.1988>

OLIVEIRA, Thaianie et al. “Those on the right take chloroquine”: the illiberal instrumentalisation of scientific debates during the covid-19 pandemic in Brasil. *Javnost – The Public*, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 165-184, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/13183222.2021.1921521>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.13183222.2021.1921521?journalCode=rjav20>. Acesso em: 22 jun. 2022.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde -. Organização Mundial da Saúde - OMS. Repositório Institucional para Troca de Informações – Íris. **Fichas Informativas COVID-19**: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19 [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020 [citado 2020 ago 3]. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>

PONTALTI MONARI, Ana; SACRAMENTO, Igor. A “vacina chinesa de João Doria”: a influência da disputa política-ideológica na desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 15, n. 3, p. 125-143. 2021.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a Desinformação sobre COVID-19 no Twitter. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 1, jan./abr. 2021.

SCERRI, Mariella et al. To wear or not to wear? Adherence to face mask use during the Covid-19 and Spanish influenza pandemics. *Early Human Development*. 2020

SIGNATES, Luiz. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. *Comunicação & Informação*, v.15, n. 2, p. 133-148, jul./dez. 2012.

VAN ZONEN, Liesbet. I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. *European Journal of Communication*, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.

ZHAI, Zhiqiang (John). 2020. Facial Mask: A Necessity to beat COVID-19. *Building and Environment*. Vol 175. 2020.

ZHOU, Zhiguo et al. Mask is the possible key for self-isolation in Covid-19 pandemic. *Medical Virology Wiley*. 92(10). 2020.

ZHANG, Yunpeng; FANG, Xu. Ignorance, orientalismo and sinophobia in knowledge production on Covid-19. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*. Vol. 111. No.3, pp. 211-223. 2020.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

OLIVEIRA, Thaiane; QUINAN, Rodrigo. A focinheira do Covid: construção do discurso anti-máscara no Youtube. *Revista Culturas Midiáticas*, João Pessoa, v. 18, pp: 59-76. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2023v18n.63884>